

INTRODUÇÃO

A Fundação do Código Noético: A “Torá Escrita” e a “Torá Oral”

por Rabi J. Immanuel Schochet

Qualquer Gentio que aceita os sete mandamentos e tem o cuidado de observá-los é do “piedoso das nações do mundo” e terá uma porção no Mundo Vindouro. Isto é assim desde que a pessoa aceita-los e observá-los, porque o Santo, bendito seja Ele, ordenou-lhes na Torá e nos informou por meio de Moisés nosso mestre que os descendentes de Noé foram originalmente ordenados sobre eles. Mas se alguém os observa apenas em virtude do senso comum, ele não é um Ger Toshav (Gentio “Residente”, o termo da Torá Escrita para quem leva o Código Noético), ou um dos “piedoso das nações do mundo”, mas sim, um de seus sábios.¹

Os cinco primeiros livros da Bíblia Hebraica (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) – são a própria essência e substância da “Torá Escrita”. Eles são também referidos como o “Ensino de Moisés”, e no vernáculo como os “Cinco Livros de Moisés”, como o Povo Judeu tem uma tradição histórica ininterrupta a muito tempo de Moisés que ele é o seu autor. Moisés escreveu esses cinco livros por ditado Divino: todas as palavras em si foi ditada a Moisés por Próprio D-us.

A crença em Moisés como o profeta final e supremo de D-us, e portanto da origem Divina da Torá, não se baseia em declarações por Moisés ou outros, nem no fato de que Moisés manifestou milagres realizados, sinais sobrenaturais e maravilhas. A autenticidade de Moisés é com base na revelação pública no Sinai: D-us revelou-Se para toda nação de Israel, pelo menos 3 milhões de pessoas e proclamou os Dez Mandamentos.

Todo o povo Judeu experimentou pessoalmente aquela revelação, cada indivíduo em vigor, tornando-se um profeta, e cada um verificou a experiência do outro. Com seus próprios olhos que viram, e com seus próprios ouvidos ouviram, como a voz Divina falou-lhes, e também

¹ Rambam (Maimônides), *Leis dos Reis* 8:11.

FUNDAMENTOS DA FÉ

ouviram D-us dizendo: “Moisés, Moisés, vá diga-lhes o seguinte ...” Eles não receberam a ocorrência desse evento e aceite como alguns reivindicam ou a tradição de um indivíduo, mas eles experimentaram por si próprios. Essa revelação pública, portanto, autenticou a boa fé de Moisés, como um profeta de D-us, e da origem Divina das instruções que ele registrou na Torá. Isso, e só isso, é o critério para a crença e a aceitação de Moisés e seus ensinamentos, como o Eterno disse a ele, “Eis que Eu venho a ti, na espessura da nuvem, para que ouça o povo enquanto Eu falo contigo, e tambémem ti crerão para sempre.” (Êxodo 19:09).

A “Torá Escrita” dos Cinco Livros de Moisés, no entanto, que contém todos os preceitos Divinos, apresenta um “problema”, por assim dizer. Praticamente todos os preceitos, os mandamentos e proibições, parecem não compreensível. Suas aplicações práticas são nem definido nem descrito no texto. Considere, por exemplo, estes mandamentos Judaicos:

Há um mandamento de “circuncisão”, mas uma pessoa não vai encontrar uma explicação na Torá Escrita do que “a circuncisão” significa – o onde, o quê e como. Da mesma forma, há uma proibição de “trabalhar” no Sábado, mas não há nenhuma definição sobre o que constitui as tarefas proibidas. Existem mandamentos de franjas nas roupas de quatro pontas, e filactérios colocados na mão e a cabeça, mas não há nenhuma explicação de como estas devem ser produzidos ou como elas devem ser usadas. Há também um mandato do ritual de abate que processa espécies kasher de animais permitidos para o consumo Judeu, mas há nenhuma instruções de como isso deve ser executado. Na verdade, Deuteronômio 12:21 afirma, “abate ... como te ordenei,” mas em nenhum lugar na Torá Escrita encontramos os detalhes desse comando.

Além disso, a atual divisão do Pentateuco em capítulos é uma inovação muito tarde (medieval e não-Judeu). Na verdade, esta divisão de capítulo muitas vezes é flagrantemente incompatível com o texto atual. O fato que essas divisões se tornaram universalmente aceita há mais de uma conveniência prática, para fins de referência. O texto original, para neste dia, em todos os pergaminhos da Torá, é dividido apenas em dois tipos de seções ou parágrafos, mas sem qualquer pontuação escrita para separar os 5.845 versos de um outro. Além disso, o texto Hebraico é composto por somente consoantes, não há vogais escritas. Palavras sem vogais são claramente ambígua; elas poderiam ser lidas de muitas maneiras diferentes, com significados completamente diferentes.

FUNDAMENTOS DA FÉ

Segue-se que mesmo com a aceitação da origem Mosaica da Torá, o texto Hebraico escrito antes de nós é completamente incompreensível. Por outro lado, como a Torá sempre foi o principal texto para conhecer e praticar os ensinamentos e mandamentos de D-us, desde os próprios dias de sua composição, é evidente que o povo Judeu deve ter informado desde o início sobre a forma de como lê-lo, os significados de suas declarações e as definições de seus preceitos. Como assim? Por uma tradição oral. Esta tradição foi revelada a Moisés e transmitida por ele para a nação e posteriormente transmitida de geração em geração. É chamado de “Torá Oral”, e *não* foram especificamente registrados em textos escritos formais até muito mais tarde, nos escritos Talmúdicos e dos Midrashim.

A “Torá Oral” inclui as explicações específicas da “Torá Escrita.” Na realidade, porém, como a Torá é a Sabedoria Divina, reflete a infinidade de D-us: “Sua dimensão excede à da terra, e é maior que a vastidão do mar” (Jó 11:9). Seus ensinamentos e significados são inúmeros, que vão desde o significado simples tradicional do texto real para os mais profundos conhecimentos místicos. Além disso, os ensinamentos da Torá aplica a todas as circunstâncias e condições, em todos os momentos e em todos os lugares. Assim, seria impossível conter este infinito em qualquer depósito finito. Para tal, o Todo-Poderoso revelou a Moisés um conjunto de regras para a interpretação hermenêutica válida, para tirar conclusões legítimas a partir dos princípios estabelecidos. Essas regras estão na base da análise e discussão Rabínica no Talmud e mais tarde nos escritos que explicam como codificações práticas e decisões estão de acordo com avontade de D-us.

O Talmud lembra uma anedota incisiva para ilustrar o significado e a centralidade da tradição conhecida como a “Torá Oral”:

Um Gentio veio ao famoso sábio Hillel, e estipulou que ele poderia acreditar apenas na “Torá Escrita”, rejeitando *a priori* a “Torá Oral”. Hillel pacientemente aceitou o desafio e começou a ensinar para ele as letras do alfabeto Hebraico: “Este é um *aleph*, esta é um *bet*, este é um *gimmel*, este é um *dalet*,” e assim por diante. No dia seguinte, ensinou-lhe as letras em ordem inversa. O Gentio protestou: “Isso não é o que você me ensinou ontem! Hillel respondeu:

“Obviamente, você deve confiar em mim para saber a verdade. Assim, também, você deve confiar em mim com respeito à ‘Torá Oral’.”

FUNDAMENTOS DA FÉ

Em suma, a “Torá Escrita” e a “Torá Oral” são inseparáveis. Há uma total interdependência entre eles. Isso afeta não só a Lei da Torá Judaica e prática, mas também o Código de Noé da Torá.

Na “Torá Escrita” existem apenas três versos explícitos contendo preceitos dirigido à Noé e seus descendentes: Gênesis 9:4-6. Mesmo estes três requerem a interpretação tradicional para extrair os seus precisos significados. Sem a tradição da “Torá Oral”, é igualmente impossível ter um código dos preceitos universais relativos aos Gentios.

Para ter certeza, as prescrições do Código Noético são na superfície, princípios auto-evidentes necessários para conduta adequada (ou seja civilizado). O senso comum parece ser suficiente para ditar a sua observância. Qualquer pessoa racional prontamente admitem que o assassinato, o roubo, relações sexuais ilícito, e a ausência de um sistema legal de autoridade, e assim por diante, são prejudiciais para a sobrevivência humana. É impossível ter uma sociedade baseada na anarquia, com todas as pessoas agindo como elas entenderem. Assim desde tempos imemoriais, em locais onde o Código Noético foi esquecido, todos os grupos de seres humanos, a partir do mais primitivo ao mais sofisticado, concebeu ainda um código jurídico de regras para definir comportamento aceitável e inaceitável para controle interno.

Esses sistemas artificiais, no entanto, eram – e são – não mais do que contratos sociais convenientes para salvaguardar a auto-preservação. Indivíduos ou sociedades que adotá-las são realmente sábios, pois servem os propósitos práticos ou utilitários. Não constituem, no entanto, um sentimento de moralidade duradoura e eles certamente são desprovidos de qualquer verdadeiro significado religioso.

Este, então, é a substância da decisão do Rambam (Maimônides) citado acima para apresentar o nosso tema. Piedade, o arrependimento, a justiça e a recompensa de uma vida futura são conceitos religiosos. Eles só têm sentido em um contexto religioso. A própria idéia de um Código Noético, *por si só*, então, pressupõe reconhecimento tanto da “Torá Escrita” e seu inseparável corolário da tradição da “Torá Oral”. Sem estes não há Código Noético autêntico. Sem o alicerce de uma crença firme na Revelação no Sinai, tanto do texto escrito da Torá e da tradição autêntica de sua explicação, não existiria um código prescrevendo um sistema verdadeiramente moral ou religioso para a humanidade. Devida observância e a compreensão dos detalhes dos mandamentos Noéticos, portanto, pressupõe a aceitação implícita tanto da "Torá Escrita" e a "Torá Oral".

Nota do Editor: Houve uma cadeia de transmissão da Torá Oral, após a revelação no Monte Sinai, com um grande líder espiritual e Sábio em cada geração que levaria um tribunal de Sábios a quem ele ensinou a Torá Oral. Além disso, eles e os seus milhares de discípulos ensinou a Torá Oral ao povo Judeu em cada geração. (Veja Introdução do Rambam à sua *Mishnê Torá*). Esses líderes que garantiu a transmissão da Torá Oral foram:

Do Senhor D-us para:

- (1) Moisés, nosso mestre, maior de todos os Profetas
- (2) Josué, juntamente com Eleazar (filho de Aarão)
- (3) Pinechas (ou Pinchás, filho de Eleazar e Sumo Sacerdote)
- (4) Eli o Juiz e Sumo Sacerdote
- (5) Samuel o Profeta
- (6) Rei David
- (7) Añiyah o Profeta
- (8) Elijah o Profeta
- (9) Elisha o Profeta
- (10) Yehoyada o Sumo Sacerdote
- (11) Zacarias o Profeta
- (12) Oséias o Profeta
- (13) Amós o Profeta
- (14) Isaías o Profeta
- (15) Miquéias o Profeta
- (16) Joel o Profeta
- (17) Nahum o Profeta
- (18) Habacuc o Profeta
- (19) Sofonias o Profeta
- (20) Jeremias o Profeta
- (21) Baruch o Escriba
- (22) Esdras o escriba, cujo tribunal incluiu os profetas Ageu, Zacarias, Malachai e Daniel, bem como Ananias, Misael, Azarias, Nehemiah, Mordechai, Zebulun e Shimon o Justo.
- (23) Shimon o Justo, Sumo Sacerdote e Sábio
- (24-34) Os principais receptores da Torá Oral nas seguintes onze gerações são listados, por exemplo, por Rambam, em sua Introdução à *Mishnê Torá*.

FUNDAMENTOS DA FÉ

(35) Na geração 35, o Rabino Yehuda, o Príncipe, um descendente patrilinear direto do Rei David, escreveu a Torá Oral em uma brilhante forma abreviada, chamou os Livros da *Mishná*, para o uso público. Antes desse tempo, os Profetas e Sábios que receberam a Torá Oral em cada geração manteve anotações pessoais sobre o que eles aprenderam como lições orais de seus professores. Nas palavras do Rambam: “Ele (Rabino Yehuda) reuniu juntos todas as tradições, todos os decretos, e todas as explicações e interpretações que foram ouvidas de Moisés ou que tinha sido deduzido pelos tribunais (de Profetas e Sábios) de todas as gerações, em todos os assuntos da Torá, e ele escreveu o Livro da *Mishná* de todos eles. E ele ensinou em público, e tornou-se conhecido por todo o Israel, todos escreveram e ensinaram em todos os lugares, de modo que a Lei Oral não seria esquecida de Israel.” Veja nota 13 para os desafios sociais que levaram O Rabino Yehuda para realizar este desafio de preservar a Torá Oral.

(36-39) Na geração 36, Rabi Yohanan escreveu o Talmud Jerusalém na Terra de Israel cerca de 300 anos depois da destruição do Segundo Templo. Na geração 39 (100 anos depois), o Sábio Rav Ashe escreveu o Talmud Babilônico.

Esta seqüência historicamente conhecida prova que a Torá Oral, como registrada na *Mishná* e no Talmud, foi transmitido oralmente de um Sábio levando para outro em uma cadeia ininterrupta, como continuamente estudado por centenas de milhares de Judeus de todas as gerações, e que as conclusões nesses e em outros livros da Torá Oral são a Palavra de D-us – sendo esta a Torá Oral, que foi dada a Moisés no Monte Sinai. (Veja Rambam, *loc. cit.*)